Museu do Quartzo: a história do projecto

Por inícios dos anos 90, era vereador da cultura na Câmara Municipal de Viseu o Dr. Américo Nunes, hoje vice-presidente desta autarquia. Licenciado em Biologia na minha Faculdade, muito ligado aos professores de que fora aluno, este autarca concebeu e pôs em prática uma série de cursos de actualização de conhecimentos, dirigidos aos professores da região, suportados financeiramente pela Câmara e pedagogicamente assegurados pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Na altura, eu era o presidente da direcção desta veneranda Sociedade e foi nesta condição e, ao mesmo tempo, para apresentar uma das aulas a terem lugar no auditório Mirita Casimiro, que estive várias vezes na cidade de Viriato. Foi uma surpresa agradável, viver esta cidade em crescimento harmonioso, crescimento que tenho vindo a acompanhar de perto nos mais de vinte anos que se sucederam. Viseu é hoje uma cidade em que dá gosto viver.

A exploração do quartzo numa pedreira aberta no Monte de Santa Luzia, nos arredores de Viseu, entre 1961 e 1986, pela “Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos”, de Canas de Senhorim, teve como resultado o enorme rasgão na paisagem que ali se observa, desde sempre considerado como elemento altamente negativo em termos de impacto ambiental.

Desta exploração, ficou-nos, como é costume entre nós, uma pedreira abandonada, onde o quartzo filoniano, num escarpado de acentuada brancura, contrasta com a densa arborização envolvente, aspecto que se manteve desde que ali terminou a lavra, há 26 anos, sem que o agente económico tivesse procedido a quaisquer trabalhos de requalificação. A solicitação do Dr. Américo Nunes, concebi, em nome do Museu Nacional de História Natural (MNHN) da Universidade de Lisboa, um projecto de musealização do sítio como local de interesse geológico e mineralógico a recuperar, conservar e valorizar.

À semelhança de uma “janela aberta” para o interior da crosta, este rasgão na paisagem permite observar, por dentro, diversas e interessantes particularidades geológicas e mineralógicas deste tipo de ocorrências. O referido escarpado tem, na óptica da preservação e valorização do nosso património natural, o mérito de chamar a atenção para o mais volumoso e possante filão de quartzo leitoso, de entre os muitos que atravessam o substrato do nosso território, como exemplo da actividade hidrotermal residual, afectando granitos do final da era paleozóica, com cerca de 280 milhões de anos. Associado a esta ocorrência propus, então, a criação de um pequeno museu inteiramente dedicado ao quartzo, algo de inédito na museografia mundial.

O Monte de Santa Luzia constitui um pequeno relevo suportado pela maior dureza do quartzo e pela sua maior resistência à meteorização, relativamente ao granito que atravessa. Com várias dezenas de metros de espessura, este filão é a causa da existência deste relevo residual com cento e poucos metros acima da superfície planáltica que o rodeia.

A valorização deste sítio decorre não só da grandiosidade e espectacularidade deste acidente, como também da grande importância mineralógica, geológica e económica do quartzo, do seu elevado número de variedades, quer em termos de cores, quer no que diz respeito aos diferentes hábitos cristalinos, modos de jazida, associações com outras espécies minerais, etc. Tal valorização decorre, ainda, e muito, da invulgar diversidade das aplicações do quartzo como matéria-prima, nas mais variadas indústrias, com destaque para a fundição, a cerâmica, a vidraria, a cristalaria, a óptica, a química, a medicina reconstrutiva, a electrónica, a relojoaria e a joalharia.

Ao aceitar este projecto de musealização, a autarquia visou recuperar o que resta de uma exploração caótica abandonada, transformando-a num pólo da Universidade de Lisboa (protocolo assinado entre o Museu Nacional de História Natural e a Câmara Municipal de Viseu, em 14 de Outubro de1997), com grandes potencialidades pedagógicas, culturais e, também, naturalmente, turísticas.

Para além da recuperação do escarpado (a frente de exploração tal como foi deixada), o conjunto dispõe do referido Museu do Quartzo, e de um percurso pedonal a ser criteriosamente apoiado em painéis explicativos, convenientemente localizados, e de documentação escrita (para já, uma brochura) a facultar aos visitantes.

Com a minha aposentação como director do Museu Nacional de História Natural e a nomeação do meu substituto, o meu brilhante ex-aluno, Prof. Doutor Fernando Barriga, este ambicioso projecto, que aceitou de imediato, pôde beneficiar da modernidade do seu saber como professor catedrático de mineralogia, interessado na moderna museologia da área científica e profundo conhecedor das novas tecnologias aplicadas a esta vertente pedagógica.

O projecto do Monte de Santa Luzia, cuja componente arquitectónica, incluindo a do edifício do novo museu, é da autoria do Arq. Mário Moutinho, foi galardoado, em 1997, com o Prémio Nacional do Ambiente (Autarquias).

A materialização, em termos museográficos, dos conteúdos em exposição, a cargo da Y Dreams, foi concebida por mim e pelo Prof. F. Barriga, com a colaboração do Dr. Rui Galopim de Carvalho, na qualidade de gemólogo. A terminar não posso deixar de louvar a autarquia viseense, nas pessoas do seu presidente, Dr. Fernando Ruas, e do seu vice-presidente, Dr. Américo Nunes, com quem trabalhei directamente todos estes anos, pelo invulgar interesse que puseram neste projecto, vencendo as mais diversas dificuldades e permitindo a concretização de um sonho.

A. M. Galopim de Carvalho

(Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva)